

## **DE SODOMITA A HOMOERÓTICO – AS VÁRIAS REPRESENTAÇÕES PARA AS RELAÇÕES ENTRE IGUAIS**

*Almerindo Cardoso Simões Junior*

Licenciado em Letras – Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO; Especialista em Linguística do Texto – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO - Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

E-mail: [acsimoesjr@yahoo.com.br](mailto:acsimoesjr@yahoo.com.br)

### RESUMO

O objetivo deste artigo é, inserido nos estudos de representação – em especial os desenvolvidos por Hall (2000) –, analisar a origem e o uso dos principais termos usados para definir o grupo daqueles que têm inclinação erótico-afetiva por pessoas do mesmo sexo. Ao traçar um panorama da origem e do conseqüente emprego desses nomes, percebemos que seu uso não se dá de forma isolada, mas representa os discursos predominantes em determinados contextos histórico-sociais, bem como o tipo de sentido que querem aferir ao representar o grupo e a impressão que querem produzir na população.

Palavras chave: representação, identificação, homossexualidade.

### ABSTRACT

The objective of this article is, inserted in the representation studies – in special the ones developed by Hall (2000) – to analyse the origin and use of the main terms used to define the group which have erotic-affective inclination for the same sex ones. According to a view of origin and use of these names, we observe that their use are not isolated, but represent the dominant discourse in specific historical-social contexts, the kind of sense they want to give when they represent the group and the impression they want to produce in population.

Key Words: representation, identification, homosexuality.

---

O filósofo Michel Foucault em vários de seus livros e textos trata da relação intrínseca entre discurso e poder. Tal fato por certo “afasta o discurso de uma relação de transparência entre as palavras e as coisas e o coloca na condição de acontecimento, isto é, como emergência histórica determinada pelas práticas discursivas e pelo conjunto de regras que regem essas práticas” (Silva, 2004 a, p.159). O discurso não se restringe apenas a um conjunto de signos estruturalmente elencados, mas é determinado pelo poder. A produção discursiva torna-se, então, “controlada, selecionada, organizada e distribuída” por um certo número de procedimentos, os quais têm o poder de aceitar, excluir ou interditar, conjurar poderes e perigos, dar direitos e privilégios exclusivos ao sujeito que fala (Foucault, 2003, p.9). Os mecanismos de controle a ele relacionados revelam rapidamente sua ligação com o poder – aquilo que é tomado como verdadeiro

em determinada época - sendo não só aquilo que manifesta o desejo, mas também objeto do mesmo; não apenas se traduzindo como resultado de lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar.

O discurso também é elemento constitutivo da memória: legitimador de uma memória dominante, institucionalizada e também de uma memória esquecida – aquela apagada temporariamente, já que não interessa ao círculo dominante – mas que pode ressurgir com mais força e vigor, trazendo o que em discurso chamamos de resistência segundo a definição de Pêcheux citada por Mariani (1998) e Orlandi (2002) - a possibilidade de, ao dizer outras coisas no lugar daquelas prováveis ou previsíveis, deslocar sentidos já esperados, ressignificando rituais enunciativos, deslocando processos interpretativos já existentes.

Podemos citar o discurso homossexual como exemplo que muito bem se insere nesses dois casos de memória citados acima: foi considerado por longo período *discurso marginal*, sendo continuamente calado e esquecido. Seu surgimento em forma de jornal dá-se no fim dos anos 40 nos Estados Unidos e timidamente no Brasil algumas décadas depois, ganhando consistência com a publicação de *O Snob* (1963-1969) e maior visibilidade com *Lampião* (1978-1981).

Inseridos em seus respectivos momentos históricos, os textos desses jornais dialogam com inúmeros outros textos, com seus leitores, com a sociedade em geral e consigo mesmos, refletindo todo o panorama discursivo de uma época. Pêcheux (1969) faz uma referência a esse discurso dialógico, onde nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz. Segundo o autor, cada discurso está sempre nos enviando a outro, tornando-se resposta direta ou indireta do mesmo, ratificando-o ou destruindo-o. Sendo assim, o processo discursivo não tem início, se estabelecendo sempre a partir de um discurso prévio.

Bakhtin usa a expressão “multiplicidade de consciências equípolentes” (2002, p.4) referindo-se a vozes cheias de valor em um discurso, que mantêm entre si uma relação de igualdade como participantes de um grande diálogo, resultado do embate de muitas vozes sociais, geradoras de textos que se entrecruzam (Barros & Fiorin, 2003). Essas vozes sociais se fazem ouvir no decorrer da história, tornando-se porta-vozes de determinados discursos. Os termos empregados para definir homens que fazem sexo com homens retratam as inúmeras vozes que refletiram sobre a homossexualidade masculina, desde a médico-psiquiátrica, passando por termos com nítida conotação depreciativa, até palavras com conotação jocosa ou pejorativa, usadas pelos próprios homossexuais para se identificarem, procurando a própria visibilidade do grupo de acordo com o contexto sócio histórico.

Nosso objetivo nesse artigo é, dentro de uma perspectiva dos estudos de representação, traçar um panorama dos termos usados para nomear os homens inclinados erótico-afetivamente por outros homens, desde os usados no período da colonização, onde culminava o discurso religioso, até o uso do termo *queer*, empréstimo da língua inglesa, que determina uma área dos estudos de gênero que também engloba os estudos gays.

## **Discurso e representação**

Hall e Du Gay (1997, *apud* Hall, 2000) inserem as práticas de representação como um dos processos mais importantes do chamado “circuito cultural”. Esse circuito é composto de cinco itens entrelaçados entre si, sendo o processo de representação um deles, assim como a identidade, a regulação, o consumo e a produção. De maneira simplista, poderíamos definir representação como o uso da linguagem para se dizer algo significativo sobre alguma coisa, ou representar o mundo de maneira significativa para outra(s) pessoa(s).

Predominantemente, existem três abordagens teóricas em termos de representação. Na abordagem refletiva ou reflexiva, a linguagem apenas reflete o que existe no mundo – seus objetos, pessoas, eventos – tal como um espelho, sem interferir no processo de representação; na abordagem intencional, a linguagem expressa a ideologia do sujeito falante, aquilo que ele quer dizer, os traços de sua personalidade; na abordagem construcionista, a mais aceita por Hall (2000), o significado é construído através da linguagem, com o uso de sistemas representacionais – conceitos e signos. Nessa abordagem,

São os atores sociais quem usam os sistemas conceituais de sua cultura e outros sistemas lingüísticos e representacionais para construir significado, para tornar o mundo significativo e comunicar de forma coerente este mundo para outros (Hall, 2000, p.25).

Esses sistemas de representação mencionados anteriormente envolvem dois processos: no primeiro, toda sorte de objetos, pessoas e eventos são relacionados a uma série de representações mentais. Sem elas, nós não interpretamos de forma significativa. Nessa abordagem, o significado depende do sistema de conceitos ou imagens formado em nossa mente e usado para representar o mundo. Segundo Woodward

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos (2004, p.17).

Assim, através de princípios como o da similaridade, organizamos, arranjamos e classificamos, efetuando relações complexas com o que vemos e também com o que nunca poderá ser visto, já que algumas formas de representação referem-se a seres e conceitos abstratos.

De fato, cada pessoa compreende e interpreta o mundo de forma individual – por isso somos sujeitos únicos; entretanto, como fazemos parte da mesma cultura e compartilhamos os mesmos conceitos, somos capazes de nos comunicar porque interpretamos o mundo de forma similar.

O segundo processo do sistema de representação dá-se através da linguagem. Nossos conceitos compartilhados necessitam ser expressos em uma linguagem comum, em palavras escritas, sons falados e imagens visuais. Os signos – palavras, sons e imagens carregados de significado – representam os conceitos assimilados por nossa mente e a sua relação com o mundo exterior, traduzindo o sistema de significação de dada cultura, ligando-se a formas de poder, pois através dos sistemas de representação constroem-se lugares a partir de onde os indivíduos podem se posicionar e falar. Ainda em Woodward. “Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem

relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído (2004, p18)”.

As palavras são, portanto, apenas um dos elementos que, em conjunto com outros como o visual ou o gestual, compõem um sistema representacional e, justamente por serem as mesmas limitadas em certos aspectos, não conseguem representar de forma plenamente fiel a relação entre signo, conceito e o objeto ao qual se relacionam (Silva, 2004b), precisando assim fazer parte de um conjunto onde palavras, visual e gestual traçam um panorama o mais próximo possível do que se quer mostrar e/ou exprimir.

Quando nos referimos, porém, a processos identitários e de inclusão ou exclusão - novos olhares surgem em relação à linguagem no sistema representacional. O emprego de determinadas palavras para nos referirmos a grupos específicos é, em especial, carregado de muitos sentidos – representacionais, culturais – ligados a vetores de força e relações de poder. São palavras impostas e disputadas, nunca neutras. São carregadas de sentidos e significados atribuídos cultural e socialmente, e o emprego de cada uma delas representa uma determinada posição política, seja para menosprezar, valorizar, ridicularizar ou chocar.

É também através das palavras que (re)construímos nossa noção de identidade, do eu e do outro, do semelhante a mim e do diferente, e (re)criamos nossas relações sociais, muitas vezes a partir daquilo que falta, do nosso exterior, como podemos ver em Woodward

As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado de positivo de qualquer termo – e assim, sua identidade – pode ser construído (2004, p.110).

A multiplicidade de nomes e termos que definem ou nominam os homens que têm atração sexual e afetiva por outros homens – em especial *viado*, *bicha*, *homossexual*, *entendido*, *gay* e sua variante portuguesa *guei*, bem como *homossexualismo*, referente à prática sexual - são reflexo da própria multiplicidade identitária que perpassa o homem moderno, em que não há mais identidade una – como nos pregava o modelo cartesiano – mas as mesmas são “transformadas continuamente em relação às formas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2003, p.13), ou segundo o próprio autor afirma em outro momento:

As identidades não são nunca unificadas; (...) são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; (...) não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (Hall, 2004, p.108).

Esses modelos representacionais — que geram a noção de identidade — são, assim, construídos dentro de um discurso, produzidos em contextos históricos e institucionais

específicos, inseridos em práticas e formações discursivas específicas. Segundo Orlandi “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada ou seja, a partir de uma conjuntura sócio-histórica dada determina o que pode e deve ser dito (2002, p.43).” De fato, a partir do momento em que nos apropriamos das palavras, acabamos por reproduzir o contexto no qual elas aparecem e construímos, através do discurso, os lugares de onde os indivíduos podem se posicionar e a partir de onde podem falar.

Os termos que definem, então, a pessoa que tem inclinações afetivas e/ou sexuais por pessoas do mesmo sexo, em especial a partir da década de 70 do século XIX, refletem concepções históricas e sociais de como essas pessoas são vistas pelo discurso dominante, isto é, refletem as relações de poder incutidas nesse discurso e a quem interessa determinada visão social sobre o homossexual.

### **Os termos usados**

Costa (1992) afirma que a homossexualidade é lingüisticamente construída sendo historicamente circunscrita em seu modo de produção e conhecimento. Em determinadas épocas certas crenças conferem foros de realidade natural ou universal a certos discursos ou práticas sociais. A afirmação de determinadas crenças, o reconhecimento de certas teorias como verdades quase que absolutas vão reproduzir determinados termos para denominar a realidade homossexual.

Foucault (2003) argumenta que a noção de identidade homossexual é, necessariamente uma formação moderna, já que antes disso, para as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo, não havia categorias de identificação correspondente. Até fins do século XIX, como não se pensava em identidade homossexual, sendo considerado apenas o ato, não havia um termo que a definisse o homem que tivesse inclinação sexual por pessoa do mesmo sexo. O ato era denominado *sodomia* ou *pecado nefando* e o praticante da ação *sodomita* – termos vinculados, obviamente, ao discurso religioso, que regulava toda a conduta de vida durante os períodos da colônia e império brasileiros (Trevisan, 2002).

O termo *homossexual* é cunhado em 1869 pelo médico suíço Karole Maria Benkert, passando a ser veiculado na língua inglesa na última década do século XIX, adotado pelo sexologista Havelock Ellis. Tal termo está intimamente vinculado ao discurso médico- psicológico-psiquiátrico, já que a homossexualidade era considerada então como doença. Alguns estudiosos, como Costa (1992), por exemplo, evitam o uso do termo homossexual já que, segundo ele, este estaria excessivamente vinculado ao contexto médico psiquiátrico de onde surgiu. Derivado de homossexualismo, para denominar aqueles que buscam essa prática sexual, o termo representaria uma personagem imaginária, uma antinorma do modelo pregado pela burguesia oitocentista, que, a partir do século XX apresenta a excessiva preocupação de definir os homens em heterossexuais e homossexuais.

O século XX trouxe vários outros termos para definir os homoeróticos. Segundo Green (1999, p.62) *puto* era o homem que tinha relações sexuais com outros homens por dinheiro, geralmente sendo encontrados no Largo do Rossio, atual Praça Tiradentes. Eram comuns também os termos *fresco* e *fanchono* . O primeiro termo já aparece por volta de fins do século XIX para referir-se a homens que se vestiam de mulher nos

bailes de máscara de carnaval. O Dicionário Moderno de 1903 já trazia o uso pejorativo da expressão:

Fresco – Adjetivo arejado de modernização depravada. Quase frio, ameno, suave, que não tem calor nem quenturas. Que faz frescuras, que tem o sopro da brisa. Encontra-se muito nos morros e nos Largo do Rossio (Green, 1999, p.63).

É importante observar o valor pejorativo, em especial do lugar onde se encontrariam os *frescos*. Os morros eram habitados, por volta de fins do século XIX e início do século XX, especialmente por ex-escravos libertos pela Lei Áurea de 1888, e expulsos dos casarios do centro do Rio de Janeiro pela reforma urbana do prefeito Pereira Passos. Nessa mesma situação estavam os ex-combatentes da Guerra dos Canudos, que enfrentaram o grupo de Antônio Conselheiro com a promessa de ganhar terrenos no Rio de Janeiro – a promessa foi cumprida pelo governo, porém as áreas doadas eram nas encostas dos morros. Viviam também nas mesmas condições os migrantes, que em muitos casos pela ausência de posses, não tinham outra alternativa a não ser os cortiços e os morros (Sevcenko, 1998). Em relação ao Largo do Rossio, era reconhecidamente ponto de encontro homoerótico e de prostituição no início do século XX. Convém mencionar que, em especial até meados dos anos 60, era comum relacionar homoerotismo e prostituição (Green, 1999).

O termo *fanchono* tinha um sentido um tanto menos depreciativo que o anterior. Tratava-se do homem que, detentor de uma postura masculina, passando muitas vezes despercebido em termos de sua conduta sexual, procurava outros homens para relacionamentos sexuais. Muitas vezes casado, esse personagem conseguiu fugir da perseguição médico-legal da época.

Os termos *viado* e *bicha* aparecem respectivamente nos anos 20 e 30 do século XX. Não se sabe ao certo a origem da ligação entre homens homossexuais e o animal veado, mas o fato é que a palavra mais uma vez foi associada a homens efeminados que praticavam sexo com outros homens, e o animal passou a ser “símbolo dos invertidos” (Ibidem).

O uso da palavra *bicha* também não tem sua origem muito bem conhecida. Uma das hipóteses seria uma adaptação da palavra francesa *biche*, que significa corsa, feminino de veado. Segundo nos relata Green (1999), *biche* também era usado na França para se fazer referência a uma jovem mulher. No Brasil, *bicha* também significa uma mulher irritada e, no Nordeste, sinônimo de prostituta. Como podemos perceber, até então, a idéia de homossexualidade era diretamente relacionada à prostituição, efeminação e a uma postura passiva nas relações sexuais. A representação da homossexualidade era, portanto, geralmente feita de forma depreciativa, numa posição representativa do discurso dominante – aquela que reconhecia como legítima uma única forma possível de se exercer a sexualidade.

Nos anos 60, há uma maior visibilidade da palavra *gay*, já usada nos Estados Unidos desde os anos 20, que mais tarde tornou-se um indicador de homens que tinham interesse sexual por outros, independentemente de efeminação. Convém ressaltar que originariamente *gay* representava mulheres de moral duvidosa (Jagose, 1996). Percebem-se, pela origem dos termos usados para fazer referência a homossexualidade,

sentidos em sua grande parte pejorativos ou jocosos, refletindo a forma como esta era vista em geral pela sociedade – fonte de escárnio e desprezo.

A palavra *entendido*, ao que parece mais neutra, é um empréstimo latino-americano, já que também era usada em países vizinhos e referia-se àqueles que eram familiarizados às referências culturais acerca da homossexualidade, não fazendo referência a uma postura dicotômica que parece surgir dentro do próprio meio homossexual, quais sejam, o homossexual mais efeminado e aquele mais próximo do modelo de masculinidade hegemônica (Green, 1999). De início, tanto *gay* quanto *entendido* não foram bem aceitos pelo movimento militante,

A peculiaridade dos primeiros grupos do movimento homossexual é que resolveu rejeitar tanto “entendido” como *gay*, preferindo ficar com o velho termo “bicha”. Propondo uma nova “bicha”, militante e consciente, a idéia era de conseguir esvaziar, tanto a palavra quanto o conceito que representava de suas conotações negativas. Se autodenominar de “bicha” veio a ser uma maneira de “assumir” uma homossexualidade considerada mais “consciente” do que a dos *gays* e “entendidos” e obrigar a opinião pública a reconsiderar suas atitudes em geral. Mais tarde, outros grupos viriam a adotar outras estratégias, como é o caso do Grupo Gay da Bahia, que adotou o termo americano (Fry & MacRae, 1984, p.25).

A tendência e a tentativa de inserção da homossexualidade em um modelo dicotômico heterossexual que representa o homem forte e dominador e a mulher fraca e submissa também pode ser percebida no uso de termos que refletem binarismos como “ativo/passivo”, “dominador/dominado”, “bofe/bicha”, “fanchona/lady” (Ibidem). Tal nomenclatura refletia a reprodução do “machismo” nas relações homossexuais, grandemente criticado por setores mais organizados do movimento homossexual (Ibidem, p.23), bem como por estudiosos *queer* da atualidade como Jagose (1996).

Dentre todos, o termo *homossexualismo* é hoje o mais controverso, enquanto *homossexual* é defendido por uma parte do grupo ao mesmo tempo que rechaçado por outro. Na visão de Costa (1992), *homossexualidade* e *homossexualismo* deveriam ser substituídos por *homoerotismo*, cunhado por F. Karsh – Haak em 1911. Para Costa, *homoerotismo* refere-se à possibilidade de certos sujeitos de sentir diversos tipos de atração erótica e/ou relacionar-se com pessoas do mesmo sexo, independente de assumirem ou não identidade(s) homossexual(ais). Ainda segundo o autor, a preferência por tal termo se dá por três principais razões

A primeira é de ordem teórica. Diz respeito à maior clareza que proporciona o uso do (...) termo e não dos termos convencionais de “homossexualismo” e “homossexualidade”. Homoerotismo é uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas ou dos desejos dos homens *same-sex oriented*. Como ressaltam Lewes (1989) e Stoller (1979, 1987, 1989), interpretar a idéia de “homossexualidade” como uma essência, uma estrutura ou denominador sexual comum a todos os homens com tendências homoeróticas é incorrer num grande erro etnocêntrico. Penso que a noção de homoerotismo tem a vantagem de tentar afastar-se tanto quanto possível desse engano. Primeiro, porque exclui toda e qualquer alusão a doença, desvio, anormalidade, perversão, etc., que acabaram

por fazer parte do sentido da palavra “homossexual”. Segundo, porque nega a idéia de que existe algo como “uma substância homossexual” orgânica ou psíquica comum a todos os homens com tendências homoeróticas. Terceiro, enfim, porque o termo não possui a forma substantiva que indica identidade, como no caso do “homossexualismo” de onde derivou o substantivo “homossexual”(Costa, 1992, p.21,22) [1](#).

Em relação a *homossexualismo*, seu uso também é criticado por Nunan (2003). Segunda a autora, o sufixo ‘ismo’ geralmente nos remete a idéia de doença, refletindo, portanto, o discurso médico-psiquiátrico do fim do século XIX, que perdurou até meados dos anos 80, quando a inclinação afetiva e sexual entre pessoas do mesmo sexo biológico deixou de ser considerada doença pelo Conselho Federal de Medicina.

Enquanto o termo *homossexualismo* está em desuso cada vez maior – pelo menos em meios acadêmicos – *homossexual* ou *homossexualidade* ainda são usados amplamente desde títulos de livros a trabalhos acadêmicos. Os termos são criticados pelas correntes do movimento homossexual que não buscam um novo modelo de família, mas sim de sexualidade, onde *homossexual* representaria um modelo de sexualidade proposto a partir do paradoxo heterossexual.

Na visão pós-estruturalista, em especial de Foucault (1998), homossexualidade e heterossexualidade seriam aspectos das múltiplas identidades socioculturais que condicionam nossas maneiras de viver, sentir, pensar, amar, sofrer, e não situações universais, condicionadas apenas e tão somente ao sexo biológico. As noções de hetero ou homossexual, portanto são construtos sociais e discursivos.

O meio acadêmico nos apresenta, a partir dos anos 90, o termo *queer*, identificador de um ramo de estudos que toma como objeto o outro, o estranho, o diferente. Embora tal termo, já comum na língua inglesa, não seja usado no dia-a-dia brasileiro, dá nome a um segmento em crescimento nos estudos de gênero da academia brasileira. Os estudos *queer* não estão alinhados a qualquer categoria específica de identidade, embora a reconheçam como múltipla e instável (Jagose, 1996). Questionam as incoerências nas relações supostamente estáveis entre sexo cromossômico, gênero e desejo sexual. Conforme cita Lugarinho:

A Teoria Queer tenta dar conta nitidamente do excêntrico em termos de gêneros, na medida em que reconhece que a orientação sexual difere da identidade sexual. A Teoria Queer aprofunda as relações possíveis entre as identidades gays e lésbicas e a cultura construída em torno de conceitos como natural e normal, isto é, busca problematizar e desconstruir as relações entre o centro e as margens, compreendidas como as identidades homossexuais (2002, p.57) .

Estudos feitos por Chauncey, citado em Jagose (1996) já nos apontam que o termo *queer* era usado nos Estados Unidos por volta dos anos 10 e 20 do século XX, antecedendo o uso da palavra *gay*. Outro fato interessante é que era usado pelos próprios homossexuais para definir aqueles que tinham interesse por outros homens, independentemente de serem efeminados ou não.

*Queer* – que no original inglês significa estranho, diferente, não apresentando correspondente na língua portuguesa – é um termo que teve seu sentido transformado, em especial pela visibilidade que os estudos de gênero, aí inseridos os estudos gays e lésbicos, têm tido no meio acadêmico. A postura teórica dos estudiosos *queer* é predominantemente a aposta de uma nova construção em termos de identidade(s) sexual(ais), apoiada em muitos de seus aportes nas teorias Foucaultianas. A ênfase do filósofo francês em mostrar que a sexualidade não é apenas um atributo pessoal, mas uma construção cultural – perpassada por efeitos de poder – têm sido cruciais para novas concepções e o desenvolvimento dos estudos gays e lésbicos.

Surgindo como uma disciplina de entremeio, os estudos *queer* emergem escolhendo justamente como campo de pesquisa a travessia entre as fronteiras de gênero. Os estudiosos *queer* questionam o assujeitamento a um sexo biológico ditado desde o nosso nascimento e que nos condiciona a determinadas representações esperadas, induzindo a uma única forma de desejo.

É justamente no entremeio dessa ordem estabelecida como normal e legítima, em termos de sexualidade, que se encontra o mais fértil campo de pesquisa para os estudiosos *queer*. Sua análise recai justamente sobre os novos modelos de sexualidade que estão surgindo a partir da ruptura dos moldes considerados padrão, graças também a novos modelos identitários trazidos com as revoluções políticas e culturais das mais diversas ordens. Novas formas de se exercer a sexualidade que gerarão outros nomes, evidenciando o caráter transitório e instável das múltiplas identidades, representando, de forma significativa e concreta, novas variantes de gênero e sexualidade.

## **Conclusão**

Tendo como pressupostos o arcabouço teórico de Foucault (1998, 2003), percebemos que o uso de termos para definir pessoas inclinadas erótico-afetivamente por outras do mesmo sexo, corresponde, acima de tudo, ao panorama político-social de cada época, ao discurso majoritário vigente a uma maior ou menor visibilidade da comunidade homossexual.

Os múltiplos processos de identificação da pós-modernidade nos remetem a uma infinidade de nomes para designar a prática homoerótica ou a ação de assumir identidades homossexuais. O que fizemos neste artigo foi traçar o panorama dos principais deles.

De fato, esta análise é apenas a ‘ponta do iceberg’. Com as gradativas transformações dos modelos de sexualidade de então, outras palavras surgirão, reflexo de novas relações sociais e de poder, talvez não mais com uma conotação negativa ou jocosa. Nomear um grupo com um termo específico e, mais ainda, assumir tal denominação é, antes de tudo, assumir uma postura política e de identificação – é portanto uma forma representacional específica junto à sociedade.

## **Referências Bibliográficas**

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz (orgs). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*: Em torno de Bakhtin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p.01-09.
- BAKHTIN, Michail. *Problemas da poética de Dostoievski* . 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício*. Estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I : A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- FOUCAULT, Michel . *A ordem do discurso* . São Paulo. 9ª ed. Loyola, 2003.
- FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade* . São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GREEN, James. *Além do carnaval*. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- HALL, Stuart. *Representation – Cultural representation and signifying practices*. London: Sage, 2000.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade* . 8ª ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2003.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In SILVA. Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- JAGOSE, Annamarie. *Queer theory – An introduction*. New York: New York University Press, 1996.
- LUGARINHO, Mário César. Crítica literária e os estudos gays e lésbicos: uma introdução a um problema. In : SANTOS, Rick e GARCIA, Wilton (org). *A escrita de Adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil*. São Paulo: Xamã: NCC/SUNY, 2002.
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa – Os comunistas no imaginário dos jornais 1922 - 1989*. Campinas: UNICAMP/ Revan,1998.
- NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.
- ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2002.
- PÊCHEUX, Michel. *Analyse automatique du discours* . Paris: Dunod, 1969.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (org). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998. V03. p. 07-48.

SILVA, Francisco Paulo da. Articulações entre poder e discurso em Michel Foucault. In: SARGENTINI, Vanice & BARBOSA, Pedro Navarro. *M. Foucault e os domínios da linguagem*. Discurso, poder, subjetividade. São Carlos, SP: Claraluz, 2004a.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004b.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença : uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

1 As citações feitas em Costa (1992) referem-se a LEWES, Kenneth, *The Psychoanalytic theory of male homosexuality*. Ontário, New American Library, 1989; STOLLER, Robert J., *Sexual excitement*. Nova York, Touchstone, 1979; \_\_\_\_\_ *Observing the eroting imagination*. New Haven e Londres, Yale University Press, 1987; STOLLER, Robert J., e HERD, Gilbert, *Intimate Communications – Erotics and the study of culture*. Nova York-Oxford, Columbia University Press, 1990. Há uma divergência de datas entre a citação e a referência bibliográfica da última obra de Stoller. Neste caso, mantivemos a citação e as referências como se encontram em sua versão original.